

The background of the entire cover is a dense, chaotic, and expressive black and white scribble. The lines are of varying thickness and direction, creating a complex, almost tunnel-like visual effect that draws the eye towards the center. The overall impression is one of raw energy and creative exploration.

EDUCAR PARA O IMPONDERÁVEL

Uma Ética da Aventura

Luís Carlos de Menezes

The logo consists of a stylized, serifed 'A' and 'E' intertwined, with the 'A' being larger and more prominent. Below the logo is a thin horizontal line.

Ateliê Editorial

Sumário

AGRADECIMENTOS	9
PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	13
1. O IMPONDERÁVEL	19
Novos Desafios	29
Educar sem Perspectivas	36
Razões para Outra Ética	43
2. A AVENTURA	51
História e Civilizações	56
<i>Presente</i>	56
<i>Passado Recente</i>	65
<i>Industrialização do Mundo</i>	79
<i>Idade Média</i>	91
<i>Impérios e Civilizações</i>	98
Antecedentes e Ancestrais	114
Evolução da Vida e do Universo	122
3. A ÉTICA	135
Consciência Crítica do Percurso	137

Uma Ética da Aventura	154
<i>Ciência & Religião</i>	160
<i>Degradação Ambiental Irreversível</i>	163
<i>Desigualdade e Exclusão Social</i>	165
<i>Violência, Guerras e Terror Sectário</i>	170
<i>Democracias Ameaçadas</i>	174
Educar para o Imponderável	178
<i>Um Grande Desafio</i>	183
<i>Educação e Degradação Ambiental</i>	190
<i>Educação, Desigualdade e Futuro do Trabalho</i>	195
<i>Educação, Violência, Guerra e Terror</i>	207
<i>Educação e Defesa de Democracia</i>	213
<i>Educação e a Ética da Aventura</i>	217
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	223

Prefácio

Este livro já estava completo e sendo editado, com os mesmos título e subtítulo, antes de um novo vírus corona difundir em todo o mundo perturbações sanitárias, sociais, econômicas e políticas, alterando de forma duradoura relações de convívio e de trabalho. Essa pandemia explicitou problemas globais que inspiraram a busca por uma ética da aventura humana neste livro, como a descuidada interdependência com a biosfera e a crescente exclusão social e econômica, questões agravadas pelo autoritarismo político em muitos países e pela fragilidade dos mecanismos de cooperação internacional.

Esses problemas antecederam a pandemia viral que desequilibrou ainda mais a vida social e econômica, e o processo de reordenação que se seguirá repercutirá na vida de cada país e de cada pessoa, e manterá os jovens diante da mesma incerteza, agora em novas circunstâncias. Agora, como há muito tempo, faltam propostas para equacionar relações entre Estado e mercado ou entre equilíbrio natural e interesses nacionais, e não se garantem os direitos ao trabalho, à segurança social e a uma vida saudável. Essa falta de perspectivas questiona o próprio sentido de educar, sem saber em que mundo viverão os estudantes de hoje.

Muitos pensadores sociais, filósofos e educadores têm percepção semelhante, o que reforça a necessidade de se discutir a formação de jovens que, ao completarem sua educação básica, sejam capazes de enfrentar solidariamente o inesperado em sua vida pessoal, social e profissional. Isso é o que se denomina “educar para o imponderável”.

A educação precisaria promover responsabilidade individual e coletiva, diante da degradação ambiental, da desigualdade econômica e da exclusão social de muitos, assim como do recrudescer da violência e do populismo autoritário, que parecem apontar para um impasse civilizatório. E para que cada um se perceba como partícipe da história e corresponsável pela biosfera, uma apreciação do percurso humano como parte do percurso natural pretende conduzir a um posicionamento ético que oriente a educação pretendida. Isso é o que se denomina “ética da aventura”.

Revelar a vertiginosa incerteza hoje vivida e situá-la no grande panorama histórico e cósmico, para apresentar aos jovens o mundo como seu problema, envolve tantas e tão complexas questões que foi essencial recorrer ao trabalho de muitos pensadores. Essa interlocução, presente em quase todas as páginas deste livro, poderia envolver inúmeros outros autores, o que adiaria a discussão dos problemas do momento tão singular hoje vivido. Também por isso, este livro é um convite para diálogos, a serem conduzidos nos próximos e difíceis tempos, com quem compartilhe da inquietude que motivou sua publicação e disponha de outros elementos ou visões aqui não contempladas.

Luís Carlos de Menezes

Introdução

Questões sem Resposta e uma Hipótese

Como afirmado no “Prefácio”, este livro já estava escrito antes da emergência da pandemia, o que justifica menção a ela nesta Introdução, mas sem outras alterações significativas, até porque esse inesperado só reforça a tese geral de que se educa para futuro incerto. Foram semelhantes os vetores e os danos globais das viroses de 1918 e de 2020, eventos ambientais inesperados que varreram o mundo de Leste a Oeste, com grandes repercussões sociais. Debelada a pandemia, continuará incerta a vida em sociedade, e seu impacto econômico e social lembrará o da crise mundial de 1929, eventos comparáveis porque relativamente próximos.

Mas para formular as questões maiores da aventura humana, será explorado neste livro todo o percurso da existência da espécie, ao longo de períodos históricos e eras ancestrais, como convite para se filosofar sobre como se chegou às circunstâncias atuais. O desenvolvimento da humanidade caracteriza-se por grandes mudanças em intervalos de tempo cada vez menores, pois o que antes se passava em milênios, agora se realiza em décadas, uma aceleração do tempo humano como se vai ilustrar a seguir.

Nos últimos cem mil anos a humanidade desenvolveu a linguagem simbólica e a razão, tendo invadido todos os continentes; nos últimos dez mil anos surgiram as civilizações, os impérios e grande variedade de culturas; nos últimos mil anos se estabeleceu a economia de mercado e se sucederam revoluções industriais; no último século a globalização econômica e cultural decorreu das revoluções tecnológicas; na última década já se consolida uma sociedade pós-industrial ou da informação. Essa aceleração exponencial nas transformações sociais e econômicas parece aproximar de um impasse a relação entre os recursos humanos, tecnológicos e naturais, assim como a organização social e política, possivelmente apontando para uma nova transição civilizatória.

Consequências sociais de transformações econômicas aceleradas pelo desenvolvimento científico-tecnológico são desafio inédito para se entrever o futuro em cenário global de instabilidade política. Para os protagonistas da vida econômica, beneficiários diretos do progresso, novos recursos tecnológicos ampliam bens e serviços. Esses recursos podem ser festejados por proverem formas inéditas de comunicação e informação, assim como por eliminarem o trabalho braçal e repetitivo quando incorporados a autômatos e sistemas, no entanto, essas conquistas da espécie humana também aprofundam desigualdades, pois reduzem oportunidades de trabalho para muitos que são excluídos da nova dinâmica cultural e produtiva, especialmente os pouco escolarizados em sociedades menos desenvolvidas.

O cenário global é de progresso material e concentração de renda nas economias centrais, de exclusão social e degradação natural em economias periféricas exportadoras de *commodities*, assim como de ondas migratórias em fuga da fome e da violência sectária em sociedades marginalizadas. Essa combinação de progresso e incerteza, de afluência e miséria, se associa ao declínio de propostas solidárias e igualitárias que, nos dois últimos séculos, acenavam com benesses

sociais do desenvolvimento econômico ou apropriação coletiva dos meios de produção, ao mesmo tempo em que, ao lado de propostas ultraliberais, recrudescem autoritarismos políticos e fundamentalismos religiosos que são como ondas de choque de um passado inconcluso. Em poucas décadas, o desmonte de nações e a instabilidade de blocos econômicos apontam para um futuro cada vez menos previsível, e as poucas ilhas de algum equilíbrio socioambiental são casos isolados, não paradigmas que se considere generalizar.

Danos irreversíveis ao ambiente e sistemas, como a eliminação de empregos, são tomados como sequelas naturais do progresso, enquanto ditaduras brutais, sectarismo religioso e migrações em massa são mazelas dos excluídos pelo progresso. A concentração de riquezas ao lado de miséria persistente e de crescente degradação do meio natural, dependendo de como evoluam, podem comprometer o próprio processo civilizatório. Isso já ocorreu em outros momentos da aventura humana, mas nunca como agora, isto é, nunca envolveu tão rapidamente todos os agrupamentos sociais, alcançando depressa toda a espécie humana. Nesse sentido, trata-se de uma singularidade sem precedentes.

Em função dessas contradições, organizações de caráter não governamental se dedicam a aliviar o sofrimento humano em regiões miseráveis ou conflagradas e a minimizar danos a ambientes, espécies e culturas, atraindo pioneiros de uma cidadania global que se sentem responsáveis pela vida humana e seu ambiente. Diferentemente de soluções nacionalistas, isolacionistas ou individualistas, promovem engajamento social em torno de problemas globais, mas tratam os efeitos sem condições para combater suas causas, pois suas ações minimizam danos sem promover mudanças estruturais. Almejar tais mudanças seria assumir uma dimensão política que transcende a vocação de suas organizações, o que reflete o eclipse das propostas solidárias globais.

A falta de perspectiva para o enfrentamento de problemas sociais e ambientais se reflete na fragilidade dos órgãos mundiais de consulta e negociação, palcos de meras disputas por hegemonia político-econômica e incapazes de tratar as dramáticas situações humanas ou naturais que convivem com as revoluções tecnológicas. Assim, a busca de relações mais harmônicas entre humanos e desses com seu meio natural não tem perspectiva, deixando imprevisível mesmo o futuro próximo. Enfrentar contradições crescentes entre desenvolvimento econômico, equilíbrio socioambiental e desemprego estrutural, assim como a rapidez das transformações decorrentes, são novos desafios para projetar a vida ou para educar sem saber sequer que profissões persistirão.

Seria preciso uma formação que, além de tratar da história e das circunstâncias de cada entorno social, prepare para viver transformações globais e conceber novas práticas sociais, para promover uma cidadania que tome o mundo como seu problema. A pretendida formação de uma cidadania global, consciente de seu pertencimento à história e à natureza, dependeria de se compreender o percurso que trouxe a humanidade à sua condição atual, a partir de um envolvimento filosófico com a cultura humanística e científica, seguindo registros históricos, evidências das origens da civilização e da vida humana, ou mesmo do surgimento da vida, da Terra e do universo. Ter a perspectiva do presente e do passado de nações, civilizações, espécies e ambientes é condição para filosofar sobre a trajetória humana, permitindo percebê-la como parte da evolução universal. Elementos dessa cultura na atual educação básica, tratados de forma “neutra” e fragmentária, não convidam a um filosofar sobre a condição humana e seus desafios, em face das questões sociais, econômicas e ambientais de nossos tempos.

Diferentemente da memorização formal do percurso humano e natural, como usualmente praticada na escolarização atual, a pretendida formação da cidadania global demandaria uma visão

crítica e analítica da aventura humana que lançasse luz sobre os dilemas do presente para fazer face a um futuro cada vez mais incerto. A hipótese é de que, ao se compreender a evolução da economia se problematizaria o desemprego tecnológico e suas decorrências sociais, ao se retomar a história do surgimento das religiões, das nações e de seus conflitos, se elaboraria uma visão compreensiva das atuais tensões entre elas e, ao mostrar como a espécie humana surgiu no convívio com outras espécies, parte das quais dizimou, se promoveria a consciência de pertencimento à biosfera que a humanidade hoje ameaça. Em síntese, admitindo-se que se está diante desses dilemas, a hipótese a ser explorada é de que um descortinar crítico do que se sabe sobre a aventura histórica e cósmica dê elementos para pensar uma ética que oriente a educação para um futuro imponderável, que forme gente solidária com seus semelhantes, compreensiva com diferentes convicções, atenta para danos ao ambiente e preparada para se contrapor a concepções políticas, religiosas e educacionais autoritárias.

Com a intenção de contribuir para a pretendida cidadania global, propõe-se o objetivo pouco usual de promover um encantamento com a aventura humana, para se vislumbrar uma ética dessa aventura. Paradoxalmente, pretender encantar com a aventura da existência para se promover uma ética, algo tão poético quanto político, depende das ciências humanas e naturais que, pelo contrário, se propõem a desencantar a compreensão mítica do mundo. Sem pretender ignorar essa contradição, o contemplar do tortuoso trajeto histórico e natural da espécie humana pretende promover uma educação que, além de formação prática e fruição cultural, apresente o mundo como problema aberto, estimulando os jovens à contínua reinvenção da vida em sociedade. O desafio de colocar o mundo em questão e esboçar uma ética que oriente o viver e o educar para o imponderável será percorrido, neste livro, em três etapas.

No primeiro capítulo, mostra-se o mundo de hoje como sociedade da incerteza, sinalizando desafios para enfrentar um futuro imediato imprevisível, de forma que continue a ter sentido qualquer empreendimento humano dependente de perspectivas, como educar. Ampliando a problematização iniciada nesta apresentação, esse capítulo procura, sob perspectiva social e ética, questionar o que seriam os rumos da participação social e da educação quando há falta de rumos para a própria vida em sociedade.

Buscando-se superar a apresentação usualmente fragmentária da cultura humanística e científica, no segundo capítulo percorre-se a história e a pré-história da vida humana seguida pela à evolução cósmica, na contramão do tempo. Discutido o vivido no presente, passa-se pelo que foi historiado sobre o passado e investigado sobre os primórdios da vida e do universo, para vislumbrar no espaço-tempo o percurso humano, histórico e natural.

Submetendo a uma análise crítica e filosófica a jornada histórica e cósmica esboçada no segundo, o terceiro e último capítulo trata de explicitar a singularidade da vida e do ser humano, para esboçar uma ética dessa sua aventura, de forma que cada um se perceba parte da biosfera, não seu mero morador, e parte da história, não apenas seu espectador. E esse filosofar em torno da cultura científica e humanista pretende propor uma consciência do percurso que resultou no atual impasse, consciência que oriente uma educação para um futuro ainda imponderável.

Discutir educação, economia, política, religiões, antropologia, evolução, cosmologia e ética só foi possível contando com contribuições ou sínteses feitas por muitos autores. Esses pensadores têm uma variedade de orientações teóricas e poderiam ser outros, eventualmente lembrados pelos leitores, o que reforça a importância do diálogo para o qual este livro é um convite.